

## ESCOTISMO: UMA EDUCAÇÃO NÃO-FORMAL A SERVIÇO DA CIDADANIA

**Charlon Silles de Souza GOMES**

CEFET-RN, Rua Pte. Kennedy, 246 – Cidade Nova – CEP 59072-670 - Natal/RN, 84 8803 7919, 84 4005 2722, e-

mail: [charlon@cefetrn.br](mailto:charlon@cefetrn.br)

### RESUMO

Ao longo da história, há registros de várias ações de educação, partindo de princípios filosóficos até uma definição de educação. Entre estas, encontram-se a *educação formal*, caracterizada por ser um sistema educacional hierárquico e cronologicamente estruturado, estendendo-se do ensino básico ao ensino superior; a *educação informal*, que é o processo onde cada pessoa adquire atitudes, valores, habilidades e conhecimentos através da experiência diária, da família, dos amigos, dos grupos de pares, dos meios de comunicação e de outras influências e fatores do ambiente; e a *educação não-formal*, que tem por característica ser atividade organizada fora do sistema formal estabelecido, que está destinada a servir a uma determinada clientela, valorizando a diversidade existente na sociedade, com objetivos educativos próprios. A prática deste último tipo de educação pode ser identificada no Escotismo, que existe há mais de um século. No atual contexto em que se encontra a sociedade, a educação tornou-se a fundamental para enfrentar os desafios que se articulam nos diversos segmentos gerados na complexa e inovadora era da informação. O Escotismo objetiva formar cidadãos através de um sistema de escola aberta, baseando-se em princípios, propósito e método próprios, que, são utilizados desde sua fundação, constituem atualmente os pilares da educação.

**Palavras-chave:** educação não-formal, educação formal, educação informal, cidadania, escotismo.

## 1. INTRODUÇÃO

O Escotismo é um movimento de educação não-formal, o qual tem preocupação com o desenvolvimento integral do ser humano e com a educação permanente dos jovens, como complemento familiar, escolar e de outras instituições.

Para que uma pessoa venha a ter o desenvolvimento pleno, na sua própria educação, ela necessita de fatores que contribuam para isso. Portanto, a UNESCO através da Comissão Internacional sobre Educação para o século XXI (1997), sugere três tipos distintos, nomeados agentes educativos: a educação formal, a educação informal e a educação não-formal.

Educação formal é o sistema educacional hierárquica e cronologicamente estruturado, que se estende desde o ensino básico até o ensino superior.

Educação informal é o processo pelo qual cada pessoa adquire atitudes, valores, habilidades e conhecimentos por meio da experiência diária, da família, dos amigos, dos grupos de pares, dos meios de comunicação e de outras influências e fatores do ambiente.

Educação não-formal é a atividade organizada fora do sistema formal estabelecido, que está destinada a servir a uma determinada clientela de aprendizagem, com objetivos educativos identificados.

Dentre esses elementos educacionais citados, o Escotismo tem como enfoque específico contribuir para que os jovens assumam seu próprio desenvolvimento, especialmente do caráter, ajudando-os a realizar suas plenas potencialidades físicas, intelectuais, sociais, afetivas e espirituais, como cidadãos responsáveis, participantes e úteis em suas comunidades, incluindo os quatro pilares da educação: aprender a conhecer, aprender a fazer, aprender a viver juntos e aprender a ser, com ênfase particular nos dois últimos.

O Escotismo pertence à categoria de educação não-formal e procura alcançar seu propósito educativo, tendo como base um projeto de educação. Dessa forma, procura satisfazer as necessidades educacionais de cada jovem na medida em que estas se apresentam, bem como continua estimulando o desenvolvimento em todas as áreas e admite que cada pessoa tenha diferentes potencialidades e, por isso, procura ajudar cada jovem a desenvolver ao máximo suas habilidades, ou seja, fazer o seu melhor possível.

A partir dessas considerações, propõem-se as seguintes questões: O que é educação não-formal e o que a difere da educação formal e da educação informal? Como se desenvolve a educação não-formal no Escotismo? Qual a importância do Escotismo como educação não-formal para a sociedade? Quais os resultados que a educação não-formal, na prática do Escotismo, produz na sociedade?

Desde a Conferência Internacional de Educação para o século XXI em 1996, promovida pela UNESCO, em que foram definidos e sugeridos três tipos de agentes educativos, além de adotados os quatro pilares da educação, a educação passou a conhecer melhor o sistema com o qual o Movimento Escoteiro trabalha, enquanto instituição de educação não-formal com um método e um projeto educativo existente há quase um século, cuja aplicação se reflete na formação do caráter dos cidadãos, na sociedade. Embora dotado de importantes referências educacionais, o Escotismo não visa substituir instituições como família, escola e igreja nem tampouco as formas de educação formal ou informal, mas, sim, complementar essas instâncias, fazendo com que os jovens assumam seu próprio desenvolvimento.

Para que se possa chegar a um ponto em que haja uma colaboração útil, pretende-se investigar as contribuições do Movimento Escoteiro enquanto instituição de educação não-formal e portadora de um projeto educativo funcional para a formação social das crianças e jovens participantes, tendo como objetivos:

compreender que o Movimento Escoteiro trabalha com atividades não-formais que contribuem para a educação formal.

- Interpretar a importância da educação não-formal para a sociedade e a Educação.
- Identificar as diferenças entre educação formal, educação informal e educação não-formal.

Isso se justifica por ser o Escotismo o movimento de educação não-formal mais antigo do mundo, tendo compromisso com a educação permanente dos jovens, visando o reinício da vida a cada momento, o que a converte numa aprendizagem que nunca se conclui. Dessa maneira, pode-se afirmar que nenhum aspecto da educação pode ser reduzido ao sistema escolar ou a um período da vida, já que o ser humano tem necessidade de aprender ao longo de toda sua existência, razão pela qual esse método singular exerce um papel específico e característico na educação dos jovens, que devem identificar seu próprio espaço no espectro da oferta educativa para os mesmos.

O Movimento Escoteiro é não-formal no sentido de que está organizado e estruturado com um projeto educativo específico que inclui um método claramente definido. É exatamente por esses motivos que se pretende mostrar a relação funcional do escotismo para com a educação não-formal e que contribui para a educação formal do ser.

Para alcançar os objetivos propostos, será realizada uma pesquisa bibliográfica, valendo-se de coletâneas de textos sobre o Movimento Escoteiro e de pensador como Vygotsky, para obter uma fundamentação teórica consistente. Serão ainda pesquisados documentos oficiais de órgãos governamentais sobre projetos de educação não-formal, bem como sites na Internet como o do Ministério da Educação, do Movimento Escoteiro e de Universidades e Faculdades que ofereçam cursos na área de Educação, entre outros para retirada de informações oficiais como Leis, Parâmetros, etc. E, por fim, serão feitas considerações, ponderando, justificando e explicando diferenças e métodos utilizados pela educação não-formal, para chegar a algumas conclusões.

## **2. O ESCOTISMO E A EDUCAÇÃO NÃO-FORMAL**

É difícil falar do Movimento Escoteiro (ME) sem falar de seu fundador, Robert Stephenson Smyth Baden-Powell, mais conhecido pelo nome de Baden-Powell e carinhosamente chamado pelos membros do ME de B-P.

Baden-Powell, nascido em Londres, Inglaterra, em 1857, era o sétimo filho do Reverendo Baden-Powell, que, além de pastor, era professor, e de Henrieta Grace Powell, tendo ficado órfão aos três anos. Em junho de 1907, teve uma idéia que pretendia pôr em prática: escrever um livro cujo público-alvo seria os jovens, um livro que deveria mudar a vida de milhares de jovens em todo o mundo. E sua maior inspiração seria sua própria história, sua experiência de vida.

Assim como alguns estudiosos, B-P também defendia a educação de jovens ao ar livre, utilizando-se de atividades esportivas e prestação de serviço ao próximo, entre outras coisas. Em oposição a métodos habituais e convencionais de ensino, alguns educadores profissionais, como Montessori e Freinet, defendiam, isoladamente, as vantagens da auto-educação. No entanto, B-P foi o primeiro a transformar suas experiências e história de vida em um modelo pedagógico disponível, especialmente, aos jovens.

Sua intenção era escrever algo tanto para o presente, quanto para o futuro, objetivando o desenvolvimento dos jovens para a paz, pois ele sabia que seu livro “Aids to Scouting”, em 1899, havia sido popular devido ao autor e pouco por seu conteúdo, que embora fosse muito rico, principalmente para o público-alvo a que se destinava, os militares. Suas idéias, para seu novo livro, eram únicas e originais para a época, por defender a formação de cidadãos íntegros, pelo auto-desenvolvimento, os quais se auto-responsabilizavam por sua educação, com a colaboração voluntária dos adultos.

Com este objetivo, B-P resolveu testar seu modelo pedagógico, viajando para a Ilha Browsea, que se localiza no Canal da Mancha, entre a Inglaterra e a França. Havia convidado às pressas 20 jovens, dos quais a maioria era composta por estudantes de escolas da periferia mais pobre de Londres; alguns eram filhos de agricultores; e outros, de operários, e todos possuíam poucos recursos financeiros. Esses jovens desenvolveram de tal forma um espírito de equipe, que realizavam suas tarefas sem a necessidade de ordens. A imposição hierárquica, que é própria do sistema militar, nessa realidade era substituída por um “código de honra”, que funcionava sem nenhum pensamento em recompensas ou punições, o que é comum não apenas no sistema militar, mas também na própria educação formal, na qual os jovens são “promovidos” ano após ano ou incentivados por seus pais a serem aprovados a fim de receberem algo em troca ou para não serem punidos.

Com essa primeira experiência, que teve sucesso absoluto, começava a história do Escotismo. Através disso, B-P conclui seu livro “Escotismo para Rapazes”, que passa a ser vendido em bancas de revistas e jornais, em fascículos quinzenais, com bastante procura. Seguindo fielmente o que Baden-Powell escreveu em seu livro, como se fosse um manual, logo os jovens trataram de se agrupar em patrulhas e tropas para a prática do Escotismo. Era muito comum ver essa realidade nas ruas de Londres.

Ao perceber o que estava acontecendo, B-P se deu conta de que havia nascido um novo sistema de educação, um modelo inovador e moderno, que não pretendia substituir nenhum grupo social como escola, família, entre outros, mas simplesmente objetivava contribuir para com todos estes, de maneira que não houvesse uma formalidade, assim como existe na educação formal, mas com um propósito e objetivos muito bem definidos. Assim foi concebida essa experiência de educação não-formal.

## **2.1. Seguintos de educação**

Na Educação, existe uma estrutura horizontal ou transversal. Na estrutura horizontal, é possível que a educação seja ministrada em diferentes modos de um mesmo nível. Na estrutura transversal, tem-se a possibilidade de que diferentes modos possam transpassar todos os níveis da estrutura vertical.

Já as modalidades de educação consistem em mecanismos que tem o objetivo de trazer de volta à escola ou propiciar a incorporação de indivíduos ao sistema regular, que ficaram de fora deste, por algum motivo.

## **2.2. Agentes educativos**

Existem vários agentes educativos sugeridos pela UNESCO, para contribuir para o desenvolvimento pleno de uma pessoa, entre os quais estão: a educação formal, a educação informal e a educação não-formal.

### **2.2.1. Educação formal**

Entende-se educação formal como o sistema educacional hierárquica e cronologicamente estruturado, que se estende desde o ensino básico até o ensino superior, ou seja, “por educação formal entende-se o tipo de educação organizada com uma determinada sequência e proporcionada pelas escolas” (AFONSO, 1989. apud SIMON, PARK e FERNANDES (orgs.), 2001, p.09).

De acordo com Gohn (1990), educação formal:

É aquela que acontece nas escolas “regulares”, ou seja, nas instituições oficiais, públicas ou privadas, regulamentadas em lei federal, estadual ou municipal, organizada em redes ou em sistemas de ensino nos diferentes níveis e modalidades de ensino. Trata-se de uma educação continuamente influenciada por valores que se sedimentam em tradições e são transmitidos de uma geração para outra. (GOHN, 1990 apud PADILHA, 2007, p.89)

Então pode-se compreender educação formal como aquela que se manifesta de forma sistematizada, organizada com currículo próprio e com trajetos previamente definidos, além de possuir projeto educativo, ou melhor, projeto político pedagógico, com objetivos claros e específicos, entre eles o de formar o indivíduo dentro das normas da sociedade. Na educação formal, existem várias formas de ensino regular ofertado pelos sistemas formais de ensino em escolas, faculdades, universidades e outras instituições, que geralmente se constituem “degraus” contínuo de ensino para crianças e jovens, tendo início no pré-escolar e se encaminhando até o nível superior.

### **2.3. 2.2.2 Educação informal**

Entende-se educação informal como todo e qualquer conhecimento adquirido por meio informal, na rua, na família etc., enfim, em todos os grupos sociais, sem que haja um programa ou projeto pedagógico para isso. De acordo com Padilha (2007, p. 92):

Quando nos referimos à educação informal, estamos falando de toda experiência educacional que acontece no decorrer de nossa vida, decorrente de processos espontâneos naturais e socioculturais, desde os primeiros dias de nossa existência. Refere-se às aprendizagens que trazemos de casa, às experiências que vivenciamos nas ruas no cotidiano de nossas atividades profissionais, no contato com outras pessoas, nas nossas leituras de livros de jornais de diversos escritos e obras literárias. Nas conversas informais que temos com as pessoas com as quais nos relacionamos, nas nossas atividades de lazer, de consumo etc., também nos educamos, mas sem que haja uma intencionalidade pedagógica.

O sociólogo português Almerindo Janela Afonso considera que a “educação informal abrange todas as possibilidades educativas no decurso da vida do indivíduo, constituindo um processo permanente e não organizado.” (AFONSO, 1989 apud SIMON, PARK e FERNANDES (orgs.), 2001, p.09).

Pode-se ainda definir essa concepção como o tipo de educação que cada indivíduo vivencia durante toda sua vida, ao adquirir atitudes, valores e conhecimentos e habilidades da vida cotidiana e das influências do meio em que vive, como a família, a vizinhança, o trabalho, os esportes, a biblioteca, os jornais, a rua, o rádio, etc.

### 2.2.3 Educação não-formal

Pode-se afirmar que são atividades ou programas organizados fora do sistema regular de ensino, com objetivos educacionais bem definidos, geralmente por um projeto político pedagógico ou projeto educativo.

De acordo com a UNESCO (1997 apud INEP, s.d.), “os programas de educação não-formal não precisam necessariamente seguir o sistema de “escada”, podem ter duração variável, e podem, ou não, conceder certificados da aprendizagem obtida”.

Nesse sentido, a educação não-formal,

embora obedeça também a uma estrutura e a uma organização (distintas, porém, das escolas) e possa levar a uma certificação (mesmo que não seja essa a finalidade), diverge ainda da educação formal no que respeita à não fixação de tempos e locais e a flexibilidade na adaptação dos conteúdos de aprendizagem a cada grupo concreto. (AFONSO, 1989 apud SIMSON, PARK e FERNANDES (Orgs.) 2001, p.09).

Na educação não-formal, podem existir cursos e atividades que, além de serem úteis ao ser humano, podem ser aproveitados na sociedade. Entende-se que a educação não-formal direciona uma concepção com várias dimensões, tais como: a aprendizagem política dos direitos dos indivíduos enquanto cidadãos; a capacitação dos indivíduos para o trabalho, por meio da aprendizagem de habilidades e/ou desenvolvimento de potencialidades; a aprendizagem e exercício de práticas que capacitam os indivíduos a se organizarem com objetivos comunitários, voltados para a solução de problemas coletivos cotidianos; a aprendizagem de conteúdos que possibilitem aos indivíduos fazerem uma leitura do mundo do ponto de vista de compreensão do que se passa ao seu redor.

Por se chamar educação não-formal, não quer dizer que não exista uma formalidade, e também seu desenvolvimento não seja educacional. Ela caracteriza-se por exercer uma maneira diferente de trabalhar com a educação em paralelo à Escola e à Família, passando a ser um complemento destes e de outros grupos sociais, podendo-se afirmar que “nada pode substituir o sistema formal de educação, que nos inicia nos vários domínios das disciplinas cognitivas” (DELORS, 2004, p.18), pois a educação formal é essencial ao ser humano.

## 3. EDUCAÇÃO EM ESPAÇO ABERTO UM ESPAÇO PEDAGÓGICO ÚTIL

A ideologia de Escola Aberta propõe uma integração entre Escola e Família, em que ambas interagem visando o conhecimento, cultura, lazer e cidadania, permitindo assim com que os indivíduos se sintam mais úteis e desenvolvam melhor suas potencialidades, uma vez que cada um, realizando o que lhe é preferível, faz com carinho e perfeição, pais, alunos e professores juntos na escola e fora dela.

As crianças que sabem ensinam as crianças que não sabem. Isso não é exceção. É a rotina do dia-a-dia. A aprendizagem e o ensino são um empreendimento comunitário, uma expressão de solidariedade. Mais que aprender saberes, as crianças estão a aprender valores. (ALVES, 2005, p.43).

Como escreve Rubem Alves, contribuindo com as teorias educacionais de Piaget e Vigotsky, realmente se constroem saberes com fazeres através do ambiente em que está inserido o indivíduo. Assim também funciona na vida de cada um, uma vez que, sendo o homem produto do meio, tem fácil adaptação onde quer que esteja. A educação em meio aberto é bastante utilizada principalmente na educação não-formal e contribui com muita propriedade para a educação formal sempre que os “professores educadores” procuram trabalhar o lúdico com seus “alunos educandos”. Por meio dessa prática, se obtém uma percepção muito mais rápida, tendo em vista que dessa maneira fica evidenciado que a educação é para toda uma vida, estando apoiada em quatro pilares:

A educação ao longo de toda a vida baseia-se em quatro pilares: aprender a conhecer, aprender a fazer, aprender a viver juntos, aprender a ser [...] Numa altura em que os sistemas educativos formais tendem a privilegiar o acesso ao conhecimento, em detrimento de outras formas de aprendizagem, importa conceber a educação como um todo. Esta perspectiva deve, no futuro, inspirar e orientar as reformas educativas, tanto em nível da elaboração de programas como da definição de novas políticas pedagógicas. (DELORS, 2004, p.101 e 102).

O ser humano, a partir do momento em que é concebido, passa por diversos processos e fases em sua vida, e no decorrer do tempo, em constante aprendizado e com a colaboração da educação e com ajuda de alguns métodos, pode-se dizer: o homem esta sendo educado ao longo de toda a vida.

#### 4. UMA BREVE INTERPRETAÇÃO DA EDUCAÇÃO NÃO-FORMAL

Entendendo educação não-formal como educação para a cidadania, esta educação abrange os seguintes eixos: “educação para justiça social; para direitos (humanos, sociais, políticos, culturais etc.); para a liberdade; para igualdade; para democracia; contra discriminação; pelo exercício da cultura, e para a manifestação das diferenças culturais”. (GOHN, 2006)

A educação não-formal é um termo, de certa maneira, ambíguo, pois possibilita diversas possibilidades de uso. É usado para conceituar ações, relações entre indivíduos, mas também é utilizado como uma definição de organização institucional. Na concepção de Gohn (2001),

educação não-formal são práticas que capacitam os indivíduos tanto para solução de problemas coletivos como para a aprendizagem de habilidades para o trabalho, de conteúdos da escolarização formal, de direitos, de recursos desenvolvidos na e pela mídia, de convívio social, famílias e comunidade como um todo.

A metodologia empregada na educação não-formal,

É um dos pontos mais fracos na educação não-formal [...]. De toda forma, na educação não-formal as metodologias são, usualmente, planejadas previamente segundo conteúdos prescritos nas leis. As metodologias de desenvolvimento do processo ensino/aprendizagem são compostas por um leque grande de modalidades temas e problemas e não vamos adentrar neste debate porque não é nossa área de conhecimento. [...] Na educação não-formal, as metodologias operadas no processo de aprendizagem parte da cultura dos indivíduos e dos grupos. O método nasce a partir de problematização da vida cotidiana; os conteúdos emergem a partir dos temas que se colocam como necessidades, carências, desafios, obstáculos ou ações empreendedoras a serem realizadas; [...] O método passa pela sistematização dos modos de agir e de pensar o mundo que circunda as pessoas. Penetra-se portanto no campo do simbólico, das orientações e representações que conferem sentido e significado às ações humanas. Supõe a existência da motivação das pessoas que participam. Ela não se subordina às estruturas burocráticas. É dinâmica. (GOHN, 2001)

Abrindo um parêntese no recorte temporal e partindo da concepção atual de educação não-formal da autora Gohn, Baden-Powell idealizou e realizou em 1907 ações educativas (educação não-formal) na Ilha de Brownsea na Inglaterra. Essa experiência deu origem ao Movimento Escoteiro. Em 1910, o Movimento Escoteiro chega ao Brasil através da Marinha do Brasil. Quando observados, os conteúdos são melhores assimilados, e o convívio social torna-os mais estimulantes, comprovando assim a contribuição da educação não-formal para o processo de aprendizagem.

Em relação ao planejamento dos saberes e fazeres, tem-se o Ciclo de Programa, que é a forma como se articulam as atividades. É um instrumento educativo que converte em sistema a consulta aos jovens transformando o aprender fazendo em construção de conhecimento cíclico em quatro fases sucessivas, a saber:

- 1) Conclusão da avaliação pessoal, diagnóstico da Tropa e pré-seleção de atividades - o diagnóstico é feito nos Conselhos de Patrulha e na Corte de Honra, tendo caráter geral;
- 2) Proposta e seleção de atividades - concluído o diagnóstico, é fixada a ênfase para o ciclo que se inicia e as atividades são pré-selecionadas;
- 3) Organização, projeto e preparação de atividades – preparação da proposta com todas as atividades de patrulha e de tropa; e
- 4) Desenvolvimento e avaliação de atividades e acompanhamento da progressão pessoal – são definidos os objetivos, realizam-se e avaliam-se as atividades que alimentam a avaliação da progressão pessoal. Nesse momento começa um novo ciclo de programa.

Quanto à avaliação dos saberes, convém perguntar: como saber se está havendo crescimento, desenvolvimento e construção de conhecimento no Movimento Escoteiro? Nesse sentido, acontece a avaliação da progressão pessoal. O jovem chega à Tropa escoteira por diferentes caminhos trazendo um contexto cultural individual adquirido através do senso comum que merece ser respeitado e valorizado. Cada jovem toma suas decisões sobre seus objetivos educacionais para o próximo Ciclo de Programa de comum acordo com o escotista responsável na tropa encarregada de seu acompanhamento. A avaliação da progressão pessoal é contínua e faz parte da vida do Movimento Escoteiro. O desenvolvimento dos jovens se avalia pela observação.

## **5. O ESCOTISMO COMO ALTERNATIVA EDUCACIONAL COM A PRÁTICA DA EDUCAÇÃO NÃO-FORMAL**

Diante do que foi visto, a educação é essencial para a vida do “homem”, tendo em vista que, só através dela, há conquistas e desenvolvimento e pode-se exercer cidadania com a construção de uma sociedade inclusiva. É preciso que haja a consciência de que educação é um direito do homem e um dever do Estado, por ser considerado insubstituível aos cidadãos, ante as diversas instituições em que está inserido, quer seja na família, igreja, escola, etc.

Partindo dessa idéia, há mais de um século, semanalmente o Movimento Escoteiro reúne em mais de 216 países, milhões de crianças e jovens para desenvolver atividades de educação não-formal, de acordo com as orientações do seu Projeto Educativo, o qual é fundamentado por seu Propósito, Princípios e Método Escoteiro. No Rio Grande do Norte esse número chega a 1.500.

O Projeto Educativo do Movimento Escoteiro, também chamado plano educacional do Escotismo, é de suma importância para guiar os educadores dessa instituição, tendo em vista que tal plano confere consistência de educação ao escotismo e o norteamento deste projeto educativo é funcional para qualquer modelo de educação não-formal, principalmente para o Escotismo uma vez que este é específico.

Os jovens devem ser os principais agentes de seu próprio desenvolvimento, mesmo aqueles com incapacidades, e o Movimento Escoteiro deve oferecer-lhes – assim como faz aos demais jovens – plenas oportunidades para envolvimento e participação.

O outro é sempre alguém importante, indispensável, especial; mais do que isso: é essencial para a nossa constituição como pessoa; é dessa postura de autoridade que nos subsistimos enquanto educadores, é dela que emana o respeito, a justiça, o amor, a verdade e a garantia da ação educativa compartilhada e inclusiva. Assim é a educação não-formal, que procura fazer com que cada um tome consciência de si próprio e do meio que o rodeia, a fim de desempenhar o papel social que lhe compete enquanto cidadão.

Com isso, a educação formal é beneficiada com a ação do escotismo na educação não-formal, considerando que há reflexos em todas as áreas de que os indivíduos participam, e, como a escola é uma das instituições primordiais à vida do homem, ela é uma das primeiras instituições a se beneficiar com os resultados.

Articular a educação, em seu sentido mais amplo, com os processos de formação dos indivíduos como cidadãos ou articular a escola com a comunidade educativa de um território é um sonho, uma utopia, mas também uma urgência e uma demanda da sociedade atual. Por isso trabalhamos com um conceito amplo de educação que envolve campos diferenciados, da educação formal, informal e não-formal.

Diante do exposto e partindo do pensamento de que educação não-formal define-se como qualquer ação educacional e intencional realizada fora das fileiras do sistema formal de ensino, acreditamos ser o Movimento Escoteiro um modelo funcional de educação não-formal a ser estudado mais profundamente e registrado para que seja realmente reconhecida como fundamental à vida do ser humano.

O escotismo objetiva com a educação ofertada:

**O HOMEM E A MULHER QUE PRETENDEMOS OFERECER À SOCIEDADE**

**DESEJAMOS QUE OS JOVENS QUE TENHAM SIDO ESCOTEIROS  
FAÇAM O SEU MELHOR POSSÍVEL PARA SER:**

Um homem ou uma mulher  
reto de caráter,  
limpo de pensamento,  
autêntico em sua forma de agir;  
leal, digno de confiança.

Um homem ou uma mulher  
capaz de tomar suas próprias decisões,  
respeitar o ser humano,  
a vida e o trabalho honrado;  
alegre e capaz de partilhar sua alegria,  
leal ao seu país, mas construtor da paz,  
em harmonia com todos os povos.

Um homem ou uma mulher  
líder a serviço do próximo.  
Integrado ao desenvolvimento da sociedade,  
capaz de dirigir, de acatar leis, de participar,  
consciente de seus direitos, sem se descuidar de seus deveres.  
Forte de caráter, criativo, esperançoso, solidário, empreendedor.

Um homem ou uma mulher  
amante da natureza,  
e capaz de respeitar sua integridade.  
Guiado por valores espirituais,  
comprometido com seu projeto de vida,  
em permanente busca de Deus e coerente em sua fé.  
Capaz de encontrar seus próprios caminhos  
na sociedade e ser FELIZ.  
(UEB, 2001, p.120)

Sob esse prisma, o escotismo se justifica como uma proposta inovadora, para dar vida e significativas possibilidades de mudanças na educação e na sociedade de forma geral, como educação não-formal desenvolvida há mais de um século pelo Movimento Escoteiro ao redor de todo o mundo.

## REFERÊNCIAS

AFONSO, Almerindo Janela. Sociologia da educação não-escolar: reatualizar um objetivo ou construir uma nova problemática? In: ESTEVES, A. J. e STOER, S. R. (orgs.). A sociologia na escola. Porto: Afrontamento, 1989.

ALVES, Rubem. A escola com que sempre sonhei sem imaginar que pudesse existir. 8 ed. Campinas: Papirus, 2001.

ÁVILA, Alais Ribeiro. Educação não-formal ou educação informal? Uma questão de intencionalidade. Disponível em: <[http://www.fundacioneya.org.ar/common/reem-bos/imagen/down\\_16.pdf](http://www.fundacioneya.org.ar/common/reem-bos/imagen/down_16.pdf)>. Acesso em: 18 Out 2006.

BADEN-POWELL, Robert. Stepherson. Smith. Guia do chefe escoteiro. Brasília: Escoteira, 1982.

\_\_\_\_\_. Lições da escola da vida: auto-biografia de baden-powell. Brasília: Escoteira, 1986.

BRASIL. Lei de diretrizes e bases da educação nacional. Brasília: Senado Federal, Subsecretaria de Edições Técnicas, 2003.

\_\_\_\_\_. Secretaria de Educação Fundamental. Parâmetros curriculares nacionais: ensino médio: bases legais. Brasília: MEC/SEMTEC, 1999.

COLOM, A. J. Pedagogia social e intervención socioeducativa. In: COLOM, A. J. (coord). Modelos de intervención socioeducativa. Madrid: Narcea. 1987.

DELORS, Jacques. et al. Educação: um tesouro a descobrir – Relatório para UNESCO da comissão internacional sobre educação para o século XXI. 9 ed. São Paulo: Cortez; Brasília: MEC: UNESCO, 2004.

DUARTE, Sérgio Guerra. Dicionário brasileiro de educação. Rio de Janeiro: Edições Antares: Nobel, 1986.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. Miniaurélio século XXI escolar: O minidicionário da língua portuguesa. 4 ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2001.

FREIRE, Paulo. Pedagogia do oprimido. 8 ed. Rio de Janeiro. Paz e Terra, 1980.

\_\_\_\_\_. A educação na cidade. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1991.



\_\_\_\_\_. Educação e mudança. 6 ed. São Paulo: Paz e Terra, 1983.

\_\_\_\_\_. Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

GADOTTI, Moacir. Escola cidadã. São Paulo: Cortez, 1998.

GOHN, Maria da Glória Marcondes. A educação não-formal e a relação escola-comunidade. Revista ECCOS, n 2, v.6, Dez 2004.

\_\_\_\_\_. A autonomia da escola In: Participação da sociedade civil na educação. São Paulo : IBEAC, 1995.

\_\_\_\_\_. Demandas populares urbanas no Brasil: Formas Educativas da População In: Para uma história da educação colonial. LISBOA : EDUCA, 1996.

\_\_\_\_\_. História dos movimentos e lutas sociais. 2 ed. São Paulo: Loyola, 2001. v.1.

\_\_\_\_\_. Movimentos sociais e educação. 6 ed. São Paulo: Cortez, 2002. v.1.

\_\_\_\_\_. Teorias dos movimentos sociais. 3 ed. São Paulo: Loyola, 2002. v.1.

\_\_\_\_\_. Educação não formal e cultura política: impactos sobre o associativismo do terceiro setor. 3 ed. São Paulo: Cortez, 2005.

\_\_\_\_\_. Educação não-formal na pedagogia social. In: CONGRESSO INTERNACIONAL DE PEDAGOGIA SOCIAL, 2006. Disponível em: <<http://www.proceedings.scielo.br>>. Acesso em: 18 Out 2006.

\_\_\_\_\_. Educação não-formal, participação da sociedade civil e estruturas colegiadas nas escolas. Ensaio: avaliação e políticas públicas em Educação, Rio de Janeiro, v.14, n.50, 2006. Disponível em: <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0104-40362006000100003&lng=pt&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-40362006000100003&lng=pt&nrm=iso)>. Acesso em: 26 Dez 2007.

INEP. Educação

<<http://www.inep.gov.br/pesquisa/thesaurus/thesaurus.asp?te1=122175&te2=122350&te3=37499>> Acesso em: 10 Dez 2007.

LA BORDERIE, René. Os grandes nomes da educação. São Paulo: Loyola, 2005.

NAGY, Laszlo. 250 milhões de escoteiros. Rio Grande do Sul: Companhia Rio Grandense de Artes Gráficas, 1987.

PADILHA, Paulo Roberto. Educar em todos os cantos: Reflexões e canções por uma educação intertranscultural. São Paulo: Instituto Paulo Freire, Cortez, 2007.

SIMSON, Olga R. de Moraes; PARK, Margareth Brandini; FERNANDES, Renata Sieiro. Educação não-formal – cenários da criação. Campinas: Unicamp, 2001.

SMITH, M. K. Non formal education. Disponível em: <<http://www.infed.org/biblio/b-nonfor.htm#idea>>. Acesso em: 15 Mar 2007.

TORRES, C. A. A política da educação não-formal na América Latina. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1992.

TRILLA, J. La educación fuera de la escuela: Ámbitos no formales y educación social. Barcelona: Ariel, 1993.

UNIÃO DOS ESCOTEIROS DO BRASIL. Manual do escotista: ramo escoteiro. Curitiba: Escoteira, 2001.

\_\_\_\_\_. As características essenciais do escotismo. Trad. Fernando Brodeschi e Melissa Martins Casagrande. [S.l]: [Escoteira], 2001.

\_\_\_\_\_. Princípios, organizações e regras. Curitiba: [Escoteira] 2005.

\_\_\_\_\_. Projeto educativo do movimento escoteiro. Curitiba: [Escoteira], [199?].

\_\_\_\_\_. Superando barreiras. Curitiba: [Escoteira], 2000.